

Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP E IMP. CENTRO DE NOVIDADSE

## As creanças e a mentira

Do Dr. Miguel Fonseca.

A luta contra a mentira na educação. — O velho exemplo dos persas. — Mentiras das creanças. — A mentira infantil nos tribunaes. — A mentira de origem pathologica. — O processo *La Roucière*. — É preciso formar um bom ambiente moral para a creança. — A mentira consciante e o seu tratamento pedagogico. — A infidelidade do testemunho infantil. — Alfredo Binet e os seus cursos de anormaes. — Um bom esforço a tentar.

**T**odo o educador deve esforçar-se por inspirar á creança um grande amor pela verdade e, fazendo reflectir este *sentimento* sobre a *conducta*, deve *habitua-la* praticamente a não mentir.

Já os antigos persas sabiam, como a mentira corrompe e rebaixa um character. E por isso na sua educação, tão rudimentar, um dos fins principaes era lutar contra a mentira.

Segundo Xenofonte, até aos 20 annos, os persas aprendiam apenas: a montar a cavallo, a atirar ao arco e a *dizer a verdade*.

E razão tinham esses remotos habitantes do Iran em dar esta importancia capital ao combate contra a mentira, na educação.

Todo o povo que cria um ambiente social

de sinceridade e de exactidão, tem uma vida mais pura, mais tranquilla e mais nobre do que os povos onde floresce a mentira, que gera a desconfiança, a intriga e a corrupção.

Aqui, como em tudo, o homem será o que d'elle fizerem: a hereditariedade, o ambiente e sobretudo a educação que corrige e encaminha qualquer d'aquellas duas forças.

\*

A creança sente muitas vezes a necessidade, a tendencia, o capricho de mentir.

Mente para evitar um castigo, mente para obter uma gulodice, mente para se fazer admirar, mente para inspirar piedade.

Mas ha tambem muitos casos, em que a creança falta á verdade, sem intenção, como quando inconscientemente desfigura o que viu, o que ouviu contar, o que sente.

A imperfeição das suas facultades: de observar, de reter, de reproduzir, a sua impressionabilidade, a facilidade em se suggestionar e em soffrer as suggestões dos outros, torna o seu testemunho defeituoso, afastando-o muitas vezes da verdade.

Esta mentira inconsciente da creança é um facto que todos os dias se observa e que é muito frequente, por exemplo, nos tribunaes, que tantas vezes creem cegamente, na *voz enganadora da innocencia*.

Recordo-me que, estando em uma comarca do Alentejo, se me queixou uma creança de um crime repugnante, contra ella commetido.

A sua narração do crime era nitida, minuciosa, com todas as apparencias de sincera.

Depuzeram no processo mais duas creanças, de dez a doze annos, unicas testemunhas presencaeas, que egualmente narravam os factos com nitidez, minucia e apparente sinceridade.

Pois as tres narrativas do queixoso e testemunhas differiam tão profundamente, em factos essenciaes, que não houve maneira de apurar onde cessava a fidelidade de testemunho d'essas creanças, todas talvez *sinceramente mentirosas*, e onde começava a sua phantasia infantil!

\*

Ha casos em que a mentira tem uma origem pathologica, como, por exemplo, nos hystericos, que por vezes inventam verdadeiros romances, com todo o aspecto de realidades.

Nos annaes judiciaes francezes ha um processo que ficou celebre, em que um tenente de lanceiros, *La Roncière*, foi condemnado innocente a cinco annos de reclusão, (em 1834) porque uma hysterica, com allucinações e crises de somnambulismo, se queixou que elle entrára alta noite no seu quarto e a aggreDIRA barbaramente.

A queixosa era filha de um general commandante da Escola de Saumur e considerada pessoa da maior respeitabilidade, com a mais aprimorada educação.

Ninguem poz em duvida a sua narrativa commovente, demais a mais comprovada pelos vestigios de contusões que apresentava pelo corpo e que, como se verificou mais tarde, foram feitos por ella propria, talvez inconscientemente!

E o desgraçado official, só demasiadamente tarde rehabilitado, teve de cumprir uma pena injusta, victima innocente de uma doentia mentira!

E' preciso, portanto, que antes de mais nada o educador averigue se a tendencia para a mentira, que observe em qualquer creança, deriva de alguma doença mental ou nervosa, que requiera tratamento medico.

Se se trata, porem, de uma creança normal, a sua tendencia para mentir, consciente ou inconscientemente, a sua infidelidade de testemunho exigem apenas, para se corrigirem, minuciosos cuidados pedagogicos do educador.

E' necessario, antes de mais nada, que se forme, em volta da creança, um ambiente moral puro, onde se respire tão naturalmente: a sinceridade, a exactidão e a simplicidade, como se respira o bom ar em pleno campo.

A creança impressiona-se muito mais fortemente com os exemplos, com os actos, com a vida real, do que com simples palavras ou conselhos que lhe préguem.

Se vê que os paes, os educadores, *mentem, disfarçam, ou deturpam, mentirá, dissimulará, deturpará* tambem.

E no entanto é bem triste confessar que muitos paes e educadores tem pouco escrupulo em se utilizar da mentira, nas suas relações familiares ou sociaes, deante dos filhos e até para com elles.

Se é preciso intimidar a creança desassocogada inventam-se: o *papão*, o *lobishomem*, ou as *bruxas*.

Se é necessario calar-lhe a bocca com uma resposta commoda, a uma pergunta curiosa: o *trovão* é Deus a ralhar, *uma estrellita cadente* é uma alma que sobe ao ceu, *uma creança que nasce* é uma encomenda que vem de França!!

E no entanto, por estes processos, introduzem-se levianamente graves erros no espirito da creança, induzindo-a a admittir e a aceitar absurdos, por verdades.

Mas cedo ou tarde a creança perceberá que a enganam, que lhe mentem, julgará então que é licito mentir tambem; e os seus educadores perderão para ella a auctoridade e a elevação moral, que são a base do seu ascendente educativo.

O educador não precisa nunca da *mentira* para disciplinar a creança ou para responder ás suas perguntas.

A disciplina obtida pela *mentira* é sempre artificial, instavel e immoral.

E quanto ás perguntas infantis, em regra, com um pouco de engenho e tacto, pode-se dar quasi sempre á creança uma resposta que se approxime da verdade e que se acomode ao desenvolvimento do seu espirito.

Mas quando seja impossivel dar-lhe essa resposta, que a sua curiosidade pede, vale mais não responder, mostrando-lhe que o seu pequenino cerebro não pode entender, por ora, o que só mais tarde se lhe poderá dizer, com sinceridade e com simplicidade.



Quando a creança, apesar do bom ambiente moral em que vive, *mente conscienciente*, parece-me que os educadores deverão observar qual a razão que a determina a mentir e proceder de harmonia com as *causas* e os *fins* da sua mentira.

Se a creança mente por *interesse*, é mostrar-lhe praticamente que nenhum lucro obtem com a sua fraude e que, ao contrario, a mentira a faz perder, não só a *vantagem* que ella esperava conseguir, mas a consideração e a estima dos que a cercam.

Se mente por *vaidade*, é pôr-lhe em relevo e severamente, como a mentira, longe de engrandecer, rebaixa e deprime.

E a propria *mentira*, servirá como arma para lhe ferir a *vaidade*.

Se a creança mente para inspirar piedade, como quando finge ou exaggera uma dôr, deve-se inutilisar-lhe sempre a mentira, recusando-se-lhe carinhos que ella se propunha obter, e fazendo avultar aos seus olhos como é indigno d'ella simular o que não sente.

Estes processos variam, porém, com a indole das creanças, e são as tendencias do seu character e o seu temperamento que se devem antes de mais nada estudar. O que de umas se obtem com um simples conselho, só se consegue de outras com uma severa repressão.

A correção da *infidelidade do testemunho infantil*, tão geral e tantas vezes inconsciente, exige, porém, cuidados mais delicados e attentos e parece-me que todos os educadores lhe deviam ligar uma grande importancia.

O espirito da creança tem uma grande curiosidade e avidéz de observação.

Pois é essa *grande força*, existente em todo o espirito infantil, que deve utilizar-se e disciplinar-se para a correção da infidelidade do testemunho.

Mostremos, por exemplo, a uma creança um objecto simples que a interesse e lhe seja familiar; façamos depois com que o observe e descreva o que n'elle viu, corrigindo-lhe em seguida tudo o que seja phantasia ou vicio de observação.

Pouco a pouco poderemos fazer convergir o interesse da creança sobre objectos mais complexos, successivamente mais difficeis de observar e descrever: os moveis, e a disposição de um aposento, as figuras de estampas gradualmente mais variadas e complicadas, os edificios de uma rua, os aspectos de uma paisagem.

Uma analyse cuidadosa da forma como a creança descreve o que viu e experiencias feitas, com diferentes intervallos de tempo, mostrarão os defeitos do pequeno observador: se analisa mal: *por falta*, omitindo, ou *por excesso* inventando; se sente imperfeitamente o que observou ou se o re-

produz defeituosamente.

Os erros, que notemos, servir-nos-hão de guia para os emendarmos, attendendo sempre á idade e temperamento de creança, e proporcionando as observações e experiencias ao desenvolvimento do seu espirito.

O mesmo methodo se poderá aproveitar para se obter da creança a reproducção exacta do que *ouve*, partindo sempre do que seja simples e familiar ao seu espirito infantil,



Dr. José Gomes de Mattos Graça

Presidente da Comissão organisadora das Festas das Cruzes, a cuja infatigavel actividade, bom criterio e devotado patriotismo se deve a realisação das tradicionais Festas, levadas a effeito n'esta villa, que este anno revestiram um elevado grau de brilhantismo.

para o que lhe seja mais extranho e complexo.

Além d'isso a vida de todos os dias, a cada momento facilitará o ensejo de se corrigirem os defeitos do *testemunho* da creança, e de a habituar a ser *precisa* no que *conta* ou *descreve*, *meticulosa* no que *observa*, *exacta* no que mostra *sentir*.

Sempre, é claro, sem lhe comprimir a iniciativa em observar, a originalidade na dicção e a vivacidade em sentir ou descrever.

Como as plantas, a creança deve ser guiada e amparada, mas com a necessaria liberdade, para que não se estiole, nem se esterilise.

Nos seus cursos de anormaes, Alfredo Binet, que era um fino psychologo e habil educador, seguiu um methodo muito curioso para desenvolver espiritos debeis e atrophados.

E assim, para habituar os seus discipulos a observar com rapidez um grande numero de objectos, mostrava-lhes grandes quadros, nos quaes estavam collocados differentes objectos e imagens.

O alumno devia, em um curto espaço de tempo: olhar, observar, fixar no seu espirito todos esses objectos e, em seguida, não tendo o quadro á vista, escrever de memoria os nomes d'aquillo que viu.

Esses quadros, no decurso das lições, iam-se tornando cada vez mais complexos e contendo um numero cada vez maior de objectos e imagens.

Para crear nos seus alumnos habitos de observação, Binet ensinava-os ainda a descrever com exactidão e propriedade o que tinham visto: na rua onde passavam, na aula onde estudavam etc, combinando com estes, outros exercicios com que procurava desenvolver-lhes o espirito de invenção, de analyse, de discernimento.

E applicando criteriosamente este methodo, com exercicios continua e persistentemente repetidos, conseguia Binet, de cerebros defeituosos, debeis ou retardados, o que se não obtem muitas vezes de cerebros normaes, imperfeitamente educados.

E assim, conta Binet, que, tendo varios deputados francezes visitado os seus cursos de anormaes e assistido a diversos exercicios dos alumnos, como o de em 5 segundos observarem 9 objectos e poderem escrever os

seus nomes de cór, tentaram esses deputados fazer a experiencia com elles proprios.

Pois os illustres *membros do parlamento francez* não conseguiram o que os pobres anormaes realisavam, com toda a facilidade.

No methodo de Binet ha muito que aprender e applicar, mesmo ás creanças que não accusam quaesquer anomalias mentaes.

Corrigindo-lhes a infidelidade de testemunho, luctando contra a mentira, crear-lhes-hemos habitos de precisão, de sinceridade, de disciplina mental, que lhes hão-de elevar e nobilitar a alma.

Bem sei que é fatigante e trabalhoso este processo de educar; mas não vale a pena todo o trabalho e fadiga, para conseguirmos, aos que venham depois de nós, uma vida em que haja mais verdade, mais exactidão, mais sinceridade que ha n'aquella que hoje vivemos?

E não recompensará bem o nosso esforço o vermos que d'elle ha-de resultar uma luz mais clara, allumiando, pacificando, esclarecendo os homens?

Espozende, 1912.

J. B.

## CONTOS

### Senhor fóra

(De O caminho da Perfeição)

—Que tem?... Eu sei?!.. Santidade, a peor doença. O que é urgente é tratar de lhe dar forças. Está fraquissima.

Foram passando semanas, dia a dia. Mas o mysterioso mal, augmentando sempre, conservava-a n'uma continua somnolencia.

A debilidade crescia a olhos vistos. Na semana seguinte peorou ainda. Dir-se-hia que a matava o desejo de morrer. O Doutor Ferreira, com o seu olhar sagaz de medico e de amigo, já não tinha esperança alguma. E quando D. Alvaro, que o interrogava ancioso, surprehendeu nos seus olhos tão habituados a dôres uma lagrima furtiva, lançou-se nos seu braços chorando:

Ah João, João estamos sem a tua afilhada.

Uma manhã, com a sua voz sumida, pediu os sacramentos.



Consultaram o medico:

—Pois sim. Não faz mal. A's vêzes até faz bem... Pobre machina humana!

Ficou logo tudo combinado. Pela tarde o abbade veio ouvir, pobre mystica, os seus enormes peccados. Na manhã seguinte viria dizer missa á capella e, sem apparatus, dar-lhe depois o viatico que só os de casa acompanhariam.

Mas pela noite sentiu-se desfallecer. Pediu que se apressassem. Não podia estar mais n'aquella expectativa e bem receava que o dia seguinte fosse tarde. Como o medico, que aquella noite ficara junto d'ella, tentasse convencê-la do exaggero que no seu receio havia, ella muito lentamente, com lagrimas na voz sumida:

—Não... não... não. Eu bem sei.

Foi o Bernardo a casa do abbade. Pouco depois voltou com a noticia de que o avizara e o tinha a pé. Já n'aquelle momento um sino, plangendo até ás longínquas quebradas, annunciava de povo em povo que ia Nosso Pae á menina de Giela.

E quando Guiomar contou á doente que o abbade não demorava e ainda antes do sol alli estaria, o seu rosto todo se illuminou na transfiguração de uma intima alegria. Havia seis semanas que Guiomar se não deitava e entre a doente e o berço de seu filho, que, desconhecendo maguas sempre lhe sorria, trazia todo o seu tempo repartido. Mal repousava em curtos e interrompidos momentos, sobre uma grande cadeira, entre almofadas. Mas n'aquella noite ninguem tinha deitado. A todos opprimia a anciedade.

Pela madrugada, Maria da Graça, n'uma im-

paciencia da febre, pediu que fossem vêr das janellas para baixo e para o valle se o viatico se não approximaria ainda. Estava ancioso, não fosse morrer sem essa consolação suprema.

Foi a propria Guiomar quem desceu ao outro andar a uma varanda envidraçada. Correu uma janella e encostou-se. Havia ainda estrellas e mal dealbava o dia n'uma orla luminosa por detraz da montanha. To-

do o valle, mergulhado n'um banho de sombra azulina e vaga, mal definia os seus contornos, tudo parecia enxergado pelo malino e azul crystal de uma turqueza.

Um cão uivou ao longe. Guiomar toda estremeceu e no ribeiro a agua, escachoando no pedregulho, não interrompia o seu ruído característico de caricia prolongada.

De repente, trazido n'um bafo de aragem, o rumor longinquo, indefinido e harmonico de um coral plangente perpassou no espaço. De novo Guiomar sentiu a sua alma confrangida. Bem sabia que musica era aquella que sempre arripiava e que mais que um dobre a finados é dolorida e maguada.

No fundo da paizagem, ainda sombria entre pinheiros, qua-

tro luzinhas appareceram bailando e intermittenentemente se escondiam.

Desceram uma quebrada, desapareceram por detraz de uns casaes n'um caminho fundo.

Reappareceram mais adiante.

O côro agora, approximando-se, era bem distincto. E as vozes graves dos homens iam alternando com as vozes mais altas das mulheres.



Dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca

Presidente da Commissão promotora da Parada Agricola que, com um trabalho intenso de propaganda e apostolado, com uma elevada e criteriosa orientação, conseguiu organizar uma das mais bellas festas da Agricultura e Industria regionaes, que n'este conce-  
lho se têm realisado.

## Receita para se obter a firmeza da mulher

*Tomae duzentos contos bem contados,  
Em taça d'ouro sejam derretidos;  
Juntae-lhes trez mil libras de vestidos,  
Com quatro mil d'enfeites e toucados.*

*Tomae cancellas dez, cem cadeados,  
Seis duzias de ferrolhos não fundidos,  
Trez mimos, quatro arrufos, (bem fugidos)  
Com cem litros d'essencia de cuidados.*

*Ao lume, e de infusão, haja fervura;  
Mas cautella que o ar tudo derranca,  
Venha elle de fresta, ou fechadura.*

*Daé d'isto d'hora a hora; a dôse é franca;  
E se se tornar frouxa esta tintura  
E' mexel-a a miúdo e' uma trauca!*

## Receita para se obter a firmeza do marido

*Remi cem mil libras esterlinas  
Com quarenta diarias p'ra despesas;  
Seis trens, cavallos dez, orças inglezas  
Das raças as mais puras e mais finas.*

*Juntae inda duzentas bailarinas  
Hespanholas, e turcas, e francezas;  
De roleta e de monte trinta mezas,  
Circos, toiros, cafés, cães e clavinas.*

*Tudo isto—com sal, albo e pimenta—  
Mergulhae em cem pipas de licor...  
E mésinha tereis, optima e benta!*

*Daé d'ella ao esposo, sempre, sem temór!  
E quando elle contar os seus oitenta  
Vereis como é só vosso o seu amor!*

JOÃO CANDIDO FURTADO D'ANTAS.

De quando em quando telintava uma campainha e sempre a mesma melodia ia subindo pelo espaço, grave, confrangedora, lenta e continuada. Junto do ribeiro todas as luzes se repetiram no espelho de agua tremulizando, alongando-se n'uma linha coleante como cobras de oiro que a par descessem pela sua transparencia.

Parte da multidão, que em uma massa confusa se avistava, foi entrando n'um barco de passagem que deslisou e correu sem que o canto gemebundo por um momento se interrompesse. E a espaços a campainha ia telintando. Para Guiomar toda a paizagem parecia tomar-se da sua dôr, que até as pedras e as arvores tocadas do orvalho da manhã se commoviam e lacrimavam. Pelas faces de Guiomar já ha muito que o pranto corria serenamente. Muita gente ainda passou acima n'umas poldras.

Guiomar voltou ao quarto da doente que se reanimava. Foram-na erguendo e encostando a almofadas tão brancas como o seu rosto desmaiado. Em volta o seu cabello farto, meio solto, cercava-lhe a cabeça de um nimbo d'oiro e no olhar um pouco quebrado, cheio de luz, concentrara-se-lhe toda a vida.

O canto tinha-se calado perto, nem a cam-

painha se ouvia. Mas de repente portas abriram-se, houve um ruido de multidão que entrava e subia. E pouco depois o velho abbade appareceu com a pyxide de oiro entre as mãos, pronunciando phrases do ritual e pousando-a sobre umas corporaes que desdobrara, purificou depois o ar, a casa os circumstantes na agua lustral, que ao agitar do hyssope tombou em gottas pesadas como bagos, embebendo-se nas roupas, espalmando-se sobre o pavimento.

Exortou-a então, a ella, pobre espirito que o mysticismo arrebatava, para que mais e mais despisse até que de todo a deixasse todos os desejos, todas as paixões, todas as maculas terrenas. Enchesse a alma de humildade e a fortalecesse no esquecimento de todo o orgulho, de toda a vaidade, de todo o humano egoismo.

Ainda, depois que lhe deu a sagrada forma, a ungiu para de todo e todo a purificar das maculas esquecidas ou ignoradas. E com o oleo santo fêz-lhe uma pequena cruz sobre a testa, séde de todo o pensamento, sobre as palpebras, sobre os labios, nos ouvidos, nas mãos e nos pés, que todos podem ser caminho de impureza.

Tinha terminado. Pelas salas fóra uma

## Dos nossos poetas

### NO MONTE

No monte, o lavrador, cansado da labuta  
Do dia que passou, monoloto, uniforme,  
São oito horas, ceou, recolheu-se e já dorme,  
Feliz por ver medrar as terras que desfruta.

A lavradora não; activa e resoluta  
Moireja até mais tarde e descança conforme  
A faina llo consente e a barafunda enorme  
De homens e animaes que em derredor se escuta.

Mas a filha que tem vinte annos e que sente,  
Nas solidões da herdade, a alma descontente,  
E o sangue a referver n'um sonho tresloucado,

Encosta-se á janella; ouvem-se as rãs e os grillos;  
E os olhos de azeviçê, ardentes e tranquillos,  
Ficam-se horas a olhar as sombras do montado. . .

(1) CONDE DE MONSARAZ.

Da Musa Alemtejana (1908).

(1) Poeta de merecimento, auctor de algumas das nossas melhores poesias parnasianas. — Ha livros seus, como a «Musa Alemtejana», que têm um sabor regional interessante e na sua forma colorida ganham relevo as paizagens, os costumes, os aspectos locais. — Um pouco irregular nas suas obras, tem bastantes puerilidades ao lado de poesias indiscutivelmente bellas, pelo rythmo sonoro e harmonioso e pela côr vigorosa e justa.

multidão parára ajoelhada. Muitos choravam e uma pequenita de grandes olhos fixava tudo n'um pasmo vagamente assustado. Pelo meio, o Senhor de Giella perpassou sereno e calado. Parecia mais alto, mais direito e mais rigido. Ia para longe desabafar em soluços.

Todos foram retirando. Fóra já o sol romperá. Cantavam aves e a natureza parecia renascer na luz nova da manhã.

(Inédito)

FRANCISCO DE QUEIROZ.

## Cartas á minha vizinha

### XXVI

Ainda a educação da mulher. — De como e necessario um ideal para viver. — A educação da mulher deve ser feita por ella propria. — A quem se deve a fundação das Escolas de ensino domestico. — Uma digressão por diversos paizes. — Grande iniciativa de uma nobre mulher. — A Escola de Moerbeke. — A Sociedade para a Utilidade Publica das Mulheres Suissas. — Grande exemplo de um pequeno paiz.

Vizinha:

A educação da mulher é, entre nós, uma vasta e grandiosa obra a edificar; vasta e grandiosa como aquelles templos românicos ou gothicos que a crença da idade média ergueu, n'uma surprehendente manifestação de fé, de riqueza e de força.

Ergamos tambem esse templo para o futuro, com um penoso esforço embora; construamo-lo, pedra a pedra, desde os alicerces.

Não são já os nossos olhos que o verão acabado; mas para alimentar o nosso esforço basta que o sonhemos na sua belleza elevada e pura, grandiosa e fecunda.

Quantos architectos medievales não morreram, tambem, antes de verem as ogivas e as flexas das cathedraes, que começaram, erguerem-se para o ceu como um gesto de fé, de esperança e de supplica. . .

E' preciso que a nossa vida não esteja demasiado presa á terra, ao pão de cada dia, mas que um largo e nobre ideal a bafeje, a levante, a purifique.

E que melhor ideal podemos ter que o sonharmos e desejarmos um futuro melhor, mais bello, mais claro, sem as sombras que ainda hoje pesam sobre nós? Trabalhemos para que as vidas que creamos saibam viver com mais saude, mais alegria, mais tolerancia e com uma paz maior do que a que nós soubemos alcançar.

As gerações futuras comprehenderão e abençoarão o nosso esforço; como nós, ainda hoje, ao sentirmos a severa magestade de um templo romanico, ou a suprema delicadeza de um edificio gothico, bemdizemos o esforço admiravel que os ergueu, illuminado e impellido por uma crença vibrante e pura.



A uns olhos que não querem vêr

*Olhos que não quereis vêr  
Que por vós ando perdido,  
Que por vós tenho vivido  
E por vós hei-de morrer.*

*Não sei, Senhora, explicar,  
Se apenas será crueldade  
Não me vêrdes, se piedade  
Para me não enganar . . .*

*Antes vos saiba indiff'r'ente,  
Antes soffra resignado,  
Do que sinta o desengano  
De me saber enganado.*

*Mais vale ao que anda de noite,  
A's escuras caminhar,  
Que lhe appareça uma luz,  
Para em breve se apagar.*

*Os olhos que a desejavam,  
Quando a luz desappar'cer,*

*Ficam mais tontos, mais cegos,  
Que estavam antes de a vêr.*

*E se um dia, tarde ou cedo,  
Houvera de vos perder,  
Antes nunca vos alcance,  
Antes olheis sem me vêr.*

*Coitado do que foi rico,  
E que perdeu a riqueza,  
A saudade do que foi,  
Mais lhe amargura a pobreza.*

*Eu se vos tivesse um dia,  
Sentia o medo, o tormento,  
A anciedade, a febre inquieta,  
Que tem pelo oiro o avarento.*

*E se vos perdesse então,  
Comvosco me perderia,  
Porque comvosco se iria,  
Perdido o meu coração.*

Maio, 1912.

VEIGA CABRAL.

\*

Não pensemos, Vizinha, em quem pôde ter a responsabilidade do descuido a que se tem votado entre nós a educação da mulher ou, o que tanto vale, a *formação da familia*. Não percamos tempo em criticas e censuras, porque ellas dividem, azedam, separam esforços. Não olhemos para o passado e para a sua escura sombra; mas para a luz do futuro, que essa, reflectindo-se nos nossos olhos, illumina-os e faz-nos caminhar de mãos dadas, sem hesitações nem rancores.

Eu penso que a *melhor* preparação para a vida da *mulher futura* deve ser, acima de tudo, uma aspiração consciente e enérgica da *mulher de hoje*, e por ella deve ser realisada, embora com a cooperação e o estímulo de todos nós.

E' preciso que a mulher *sinta* que a sua educação actual é em parte rotineira, em parte falsa e em parte esteril. E' preciso que ella soffra a anciedade de uma vida melhor, mais completa, mais bella, para que vá preparada consciente e dignamente, por uma educação sadia e séria. Educação que a faça uma boa e criteriosa organisadora do lar, uma carinhosa e intelligente cooperadora do

marido e sobretudo uma educadora habil e dedicada para os seus filhos.

Mas não basta que ella sinta essa benéfica anciedade de se aperfeiçoar, é preciso que a converta em *acção*. E se nós, os homens, podemos dizer o que queremos que a mulher seja para nós, dentro do lar, para os nossos filhos só a propria mulher saberá educar-se, para se elevar até ao ideal que sonhamos.

E' ella a directamente interessada, é ella que melhor conhece os seus recursos, os seus meios de acção, os segredos da sua sensibilidade tão delicada, os mysterios do seu character, tantas vezes caprichoso.

Por isso, talvez em parte com razão, as allemãs querem que todos os problemas do ensino e educação da mulher do seu paiz sejam por ella exclusivamente resolvidos.

E, assim, é interessante verificar que lá fora a iniciativa das escolas *ménagères*, partiu quazi sempre do generoso e intelligente esforço da mulher.

Na Belgica, por exemplo, o primeiro instituto de instrucção profissional e *ménagère* é creado por uma mulher de raro coração e rara enérgia: M.<sup>me</sup> Kerchove d'Exaerde.





### FESTA DAS FLORES

Promovida pela Liga Barcelonense de Instrução e Educação.  
A organização do cortejo.

Uma grave crise da pequena industria da fiação e tecelagem ameaçava reduzir á ociosidade e á miseria as operarias da pequena aldeia de Moerbeke. E' então que, n'um grandioso impulso de solidariedade e abnegação, M.<sup>me</sup> d'Exaerde despreza os prazeres mundanos que lhe podia dar a sua fortuna, pelo nobre dever de suavisar a miseria material e intellectual do povo.

Funda uma escola modelo na sua aldeia, e é ella a sua primeira professora. Ensinna ás alumnas, além da instrucção primaria, differentes linguas e a administração domestica, de modo a formar habeis donas de casa; instrue empregadas para estabelecimentos commerciaes, creadas de quarto, cosinheiras, bordadoras de rendas. A Escola é frequentada por 300 alumnas pobres. «E, diz Frank, n'esta região de Waes, habitada por uma boa gente, pobre, geralmente ignorante, Moerbeke apparece presentemente como um oasis de progresso e de bem estar. Pode-se admirar a meticulosa limpeza das ruas, o aspecto risonho das casas, o bem estar visivel dos habitantes, o seu acolhimento delicado e polido, o cara-

cter vivo das suas creanças, a quem se procura cultivar a intelligencia e nobilitar os sentimentos».

Foi este o inicio feliz das escolas *ménagères* que em pouco tempo irradiaram do povo para a burguezia. E até em algumas d'essas escolas, como na modelar escola suissa de Friburgo, são ensinadas conjunctamente, com uma elevada orientação democratica, as mulheres do povo que se dedicam a humildes misteres e as futuras administradoras dos abastados lares da burguezia.

Na Noruega é ainda uma mulher, M.<sup>me</sup> Wetlesen, que funda em Abildso a primeira escola *ménagère* norueguesa (1865). Na Allemanha cabe essa honra a M.<sup>me</sup> Anna Simpson, com a sua Escola de Breslau (1863), na Russia a M.<sup>me</sup> Ginéw, que funda a escola Lazouline (1838), na França a M.<sup>me</sup> Doyen-Doublié, com a escola *ménagère* de Reims (1873). A Hollanda deve á propaganda esclarecida e infatigavel de M.<sup>me</sup> Kemper, a criação de 16 escolas de ensino domestico. Na Suissa a iniciativa e a admiravel organização d'essas escolas vem de uma associação: A Sociedade para Utilidade Publica das mulheres Suissas. No curto espaço de sete annos e sem auxilio algum do Estado esta associação creou quatro *Escolas ménagères*: a de Buchs, Lenzburgo, Berne e Boniswyl (1839 a 1896).

Para assegurar, porém, o bom funcionamento d'estas escolas começou por formar professoras aptas para as dirigir e creou a principio um pequeno nucleo de 10 professoras educadas por M.<sup>me</sup> Wider-Innecker e por M.<sup>me</sup> Williger-Keller, a benemerita fundadora e dirigente da Associação. Com essas professoras se organisaram as primeiras escolas.

Mais tarde, porém, para a sua expansão foi necessario fundar escolas normaes de ensino domestico, a primeira das quaes, a de Berne, data de 1897.

A Sociedade de Utilidade Publica das mulheres Suissas, que tem actualmente mais de 6:000 associadas, realisa no seu paiz uma admiravel obra de propoganda, de educação, de solidariedade, procurando por todos os meios elevar e dignificar a condição da mulher. E o governo Suisso, por tal forma comprehendeu e verificou os beneficios

## A UMA NOIVA

*Pôz Deus bem alto o fructo da ventura  
Destinado ao teu firme coração ;  
Mas, cheia de paciência e de ternura,  
Vaes colhe-lo, afinal, por tua mão.*

*Deus te dará agora em duplicado,  
Em venturosos dias sempre em flôr,  
O premio tantas vezes conquistado  
Pela tua constancia e teu Amôr !*

Setembro de 1910.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

da sua fecunda actividade que lhe dá todo o auxilio, subsidiando as suas escolas e coope-  
rando largamente com ella no cumprimento da sua elevada missão.

Vizinha: não é admiravel o exeuplo d'este pequeno paiz, onde se trabalha com ardor e fé por ideaes tão altos, como as suas altis-  
simas montanhas, por ideaes tão puros, como a neve que n'ellas brilha eternamente?...

E não seria bello que n'esta terra onde nascemos, em que a mulher tem um coração tão delicado e grande, ella se apaixonasse pelo nobre ideal de elevar e dignificar a sua missão na vida? Que ella se unisse em uma associação poderosa, não para os debates estereis e grosseiros da politica, mas para se preparar melhor, para exercer a sua nobre missão na Vida? Que ella se solidarisasse para suavisar a miseria do corpo e mais ainda a miseria da alma da mulher do povo, entre nós tão abandonada e tão esquecida?

E não me diga que é preciso esperar a iniciativa dos grandes centros; foi de uma pequena povoação da Alsacia, (Bebenheim) que partiu o inicio da grande Liga de Instrução Franceza, que revolucionou o ensino em toda a França.

Como eu bem diria a mulher que iniciasse um tão generoso e fecundo apostolado entre nós!

E como a abençoariam as gerações futuras que lhe devessem uma vida com mais saude, mais verdade, mais belleza, mais luz!

Do seu Vizinho que até quando  
menos o quer é:

Importuno.

## SAUDADES

Ao MANUEL PASSOS.

*Pinheiraes da minha terra,  
Onde ás vezes chora o vento,  
N'uma tristeza tão funda,  
Como a do meu desalento.*

*Pinheiraes da minha terra,  
A vossa côr tão sombria,  
E' triste como a saudade  
Que rouba a minha alegria.*

*Oh campos da minha terra,  
Em que se canta lavrando,  
Em que cantando se cava,  
Em que se colhe cantando.*

*Oh campos da minha terra,  
Fartos de loiras espigas,  
Onde ceifam, onde cantam,  
Os ranchos das raparigas.*

*Oh casas da minha terra,  
Pequenas, como pombaes,  
Com ninhos das andorinhas,  
Pendurados nos beiraes.*

*Oh casas da minha terra,  
Rindo entre moitas de flôres,  
Alegres como a alegria  
Dos meus primeiros amôres.*

*Oh agua da minha terra,  
Tão clara a cantar nas fontes,  
Caindo em gottas de prata,  
Pelas quebradas dos montes.*

*Oh agua da minha terra,  
Sangue que á terra dá vida,  
Por onde passa, cantando,  
Abre uma estrada florida.*

*Oh festas da minha terra,  
Oh tardes de romaria,  
Com que tristeza me lembra,  
Agora a vossa alegria!*

*Oh moças da minha terra,  
Cheias de vida e de côr,  
Simples, garridas, vistas,  
Como os roseiras em flôr.*



*Oh moças da minha terra,  
De meigos olhos escuros,  
E boccas frescas, vermelhas,  
Como os morangos maduros.*

*Oh moças da minha terra,  
Vinde ao meu peito arrancar,  
A magua d'esta saudade  
Que tive de vos deixar.*

*Pinheiraes da minha terra,  
A vossa côr tão sombria,  
E' triste como a saudade  
Que mata a minha alegria.*

VEIGA CABRAL.

Janeiro, 1912.

## A Festa das Flôres

N'ESTE bello mez de maio, bello sobretudo porque n'elle se cobrem de flôres os prados e os jardins, realisou-se n'esta villa a primeira Festa das Flôres, em que tomaram parte centenas de creanças de muitas escolas do concelho.

O local escolhido, com justo criterio, para a sua realisação, foi a cêrca do Hospital que parece um *bosque sagrado* dos velhos tempos da Grecia, pelo veneravel aspecto das suas arvores antigas, pela sua verdura suave e luminosa, pela sua doce tranquillidade, que as nossas almas *inquieta*s respiram com delicia.

Esse recinto, onde chegaram os pequenos alumnos das Escolas trazendo flôres, n'uma festiva alegria, ficou em breve cheio de vida e animação com os cantos coraes das creanças, os seus vivas, os seus gritos, os seus travessos folguedos...

E até parecia que as velhas arvores sorriam contentes aos pequenitos, com o seu vestido novo de folhagem verde, que ha pouco a primavera lhes trouxe...

Nas almas simples d'essas creanças deve ter ficado uma grata e luminosa impressão d'essas boas horas que passaram, cercadas de flôres, cantando e brincando, em pleno ar, n'uma alegria franca e n'uma livre e estreta confraternisação.

Festas como esta que ha dias se realisou,

deixarão sempre no espirito infantil uma boa impressão de belleza e de saudavel alegria.

Educam-lhe e attrahem-lhe o gosto para o que a terra nos dá de mais bello: *as flôres*.

Fazem-lhe sentir o prazer de uma alegria commum para que *todas* as creanças correm, que *todas* sentem, levando-as a amar o que socialmente ha de mais nobre: a *fraternidade*.

A Direcção da Liga de Instrucção merece, portanto, o sincero e carinhoso reconhecimento da população d'este concelho, por ter promovido e organizado uma Festa que foi simultaneamente tão bella e tão elevadamente educativa.

## Festas das Cruzes

Do extraordinario brilhantismo por ellas attingido, falla bem alto o côro unisono de admiração, entoado pelos milhares de forasteiros que nos vieram honrar com a sua visita, cujo echo vibra ainda, acariciadoramente, entre nós.

Os nossos hospedes, quando retiravam, levavam o seu espirito deliciosamente impressionado dos encantos naturaes da nossa linda terra e das maravilhosas exhibições festivas a que tinham assistido. E nós ficavamos com a gratissima certeza de que elles iam satisfeitos, porque não se têm organizado melhores festas do que as que, n'este anno, se realisaram em Barcellos.

Dos esplendidos numeros que compunham o attrahente programma, resultou um conjunto magnifico, surprehendente, admiravel!

Devemos, todavia, especialisar a Parada Agricola, — que sempre nos recorda o nome do seu iniciador, o nosso illustre patricio sr. Conde de Villas Boas, — essa grandiosa e suggestiva festa regional, em que a lavoura e as industrias do nosso concelho manifestaram d'uma fôrma eloquente e bem frisante que comprehendem o seu alcance patriotico e valiosamente educativo.

A Parada Agricola, que só por si bastava para constituir uma linda e enternecedora festa, attingiu n'este anno taes proporções de brilhantismo que ficou marcando uma pa-

gina gloriosa no registo das festas mais belas e uteis que se têm realizado n'este paiz.

Tambem merecem especial menção: o festival no jardim, que foi d'um effeito feérico, e o festival no rio Cavado, verdadeiramente phantastico, que fechou com chave d'ouro as esplendorosas e encantadoras festas, cujo brilho jamais se apagará da memoria de todos quantos fruiram a ventura de gosal-as.

Os seus promotores devem recolher, com satisfação, os justos louvores que por ahi fora resoam ainda e escutar tambem o echo consolador das ultimas impressões dos nossos forasteiros: — Muito bem! Bravo!

\*

O «Barcellos-Revista» associa-se ás ovações que coroaram o exito brilhante das festas, e presta sincera homenagem áquelles que tanto se esforçaram por levantar bem alto o nome da nossa terra, não esquecendo tambem n'essa homenagem os que material ou moralmente auxiliaram as briosas commissões.

E', pois, em nome de Barcellos, cujo sentimento patriotico julgamos interpretar, que aqui deixamos consignado o nosso caloroso applauso áquelles que tão distinctamente souberam desempenhar-se da honrosa, mas difficil missão que lhes commetteram:

Na pessoa do illustre presidente da Commissão dos festejos, o sr. dr. José Gomes de Mattos Graça, felicitamos com intima satisfação os promotores e organisadores de tão luzidas festas;

Na pessoa do digno e illustrado presidente da Commissão Municipal Administrativa, o sr. dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca, saúdamos calorosamente todos aquelles que com o seu nobre e dedicado esforço conseguiram a realisação d'um dos numeros mais apreciaveis das festas — a Parada Agrícola.



## Candido da Cunha

*Este nosso talentoso collaborador distinguin o «Barcellos-Revista» com mais uma honrosa e gentil amabilidade.*

*E' o desenho primoroso que, a nosso pedido, nos enviou e que se destina ao frontispicio dos volumes d'esta «Revista».*

*N'este trabalho, d'uma fina concepção artistica, mais uma vez o laureado pintor se affirma uma das*

*mais elevadas e brilhantes organizações de artista do nosso paiz, como os nossos leitores, em breve, terão ensejo de apreciar.*

*Ao nosso distincto collaborador, pedimos que accete a expressão sincera do nosso reconhecido agradecimento.*



## Suspensão da "Revista,"

COM o presente numero, tardiamente publicado por circumstancias imperiosas, encerra esta Revista o 2.º anno da sua publicação.

Ao iniciarmos o anno agora findo, já previamos as graves difficuldades com que teriamos a lutar, para mantermos a *Revista* na linha de conducta que lhe traçamos e de que não nos pesa na consciencia termos desviado.

Essas difficuldades eram inevitaveis, porque acompanham todas as tentativas para defender ou vulgarisar principios em que se ponha de parte um interessado e subserviente mercantilismo.

Recuar perante esses obstaculos, antes de tentar vence-los, era uma solução facilmente egoista, mas que a nossa orientação e o nosso temperamento repelliam.

Luctamos portanto contra elles, e se essa lucta nos deu horas amargas de desanimo e descrença, compensou-nos com outras de fé intensa ou de tranquillidade consoladora, pela consciencia de um dever cumprido.

Um momento chegou, porém, em que essas difficuldades nos venceram e em que nos impõem, ao menos, uma tregua no combate que contra ellas empenhamos.

Por isso, temporariamente suspendemos a publicação d'esta *Revista*, até que possamos voltar de novo á lucta com as nossas forças retemperadas.

A todos os que nos deram o seu auxilio material e o seu apoio moral, para realisarmos a tarefa que emprehendemos, e á imprensa que teve para nós um acolhimento benevolo ou carinhoso, o nosso profundo e grato reconhecimento.

A REDACÇÃO.

**Errata:** Nos versos *Saudades*, 10.<sup>a</sup> quadra, aonde se lê: Como os roseiras em flôr deve lêr-se: *Como os rosciraes em flôr.*





Aos leitores do

BARCELLOS

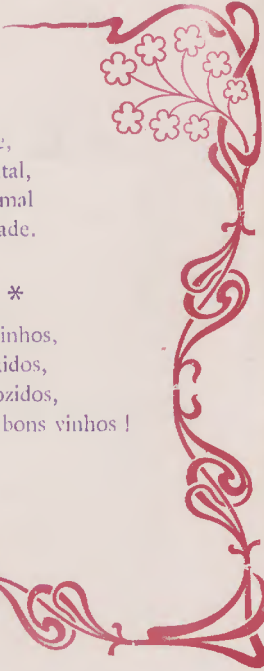
REVISTA

Feliz anno, longa vida,  
Muita *massa*, pouca lida.

O ENTREGADOR.



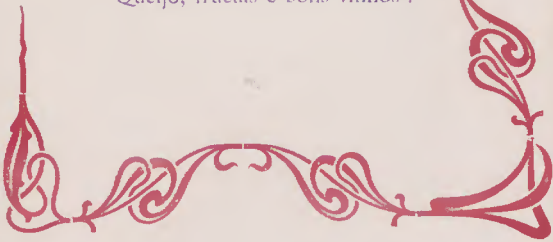
Zyp. do "Centro de Novidades,"  
BARCELLOS



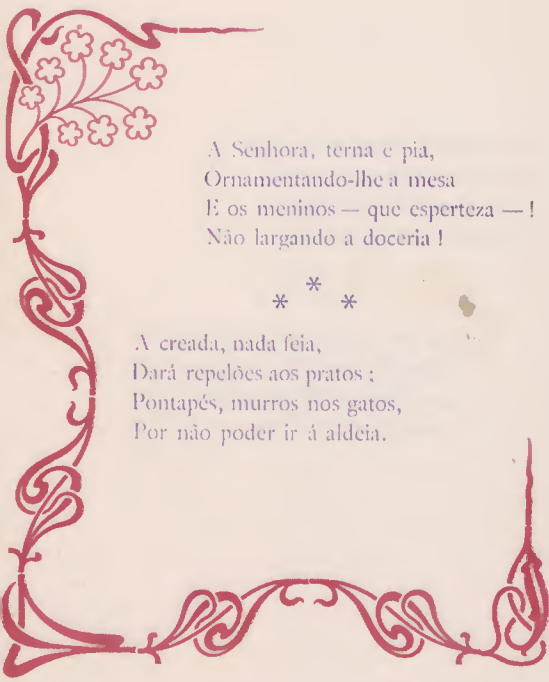
Senhor: se tem caridade,  
Se quer ter um bom Natal,  
Lembre-se tambem do mal  
Que toda a pobreza invade.

\* \* \*

Vocencia terá bolinhos,  
Rabanadas e mexidos,  
Bacalhau, ovos cozidos,  
Queijo, fructas e bons vinhos !



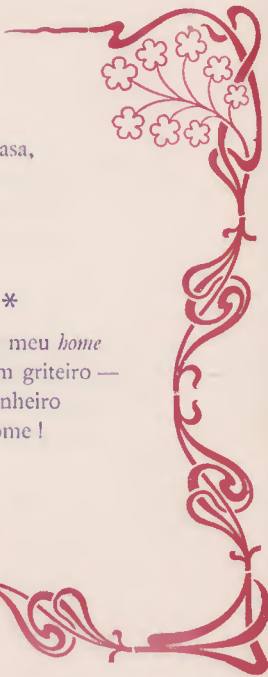




A Senhora, terna e pia,  
Ornamentando-lhe a mesa  
È os meninos — que esperteza — !  
Não largando a doceria !

\* \* \*


A creada, nada feia,  
Dará repelões aos pratos :  
Pontapés, murros nos gatos,  
Por não poder ir á aldeia.

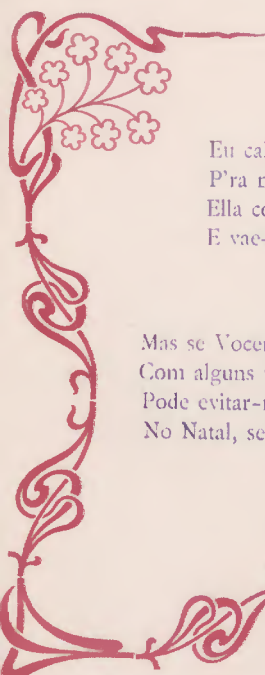


Eu, senhor, entrando em casa,  
A mulher só me dá caldo  
Requentado no rescaldo;  
Uma sardinha na braza.

\* \* \*

Que um raio parta o meu *home*  
— Diz ella sempre em griteiro —  
Que nunca me dá dinheiro  
E mata os filhos á fome !






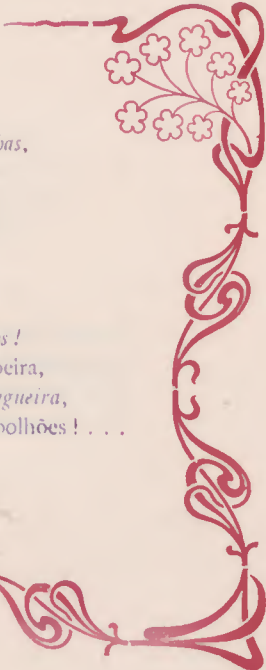
Eu calo, não digo nada  
P'ra não atçar as fúrias;  
Ella cobre-me d'injurias  
E vae-se deitar cançada.

\* \* \*

Mas se Vocencia quizer,  
Com alguns vintens apenas,  
Pode evitar-me estas scenas  
No Natal, sendo esmoler !



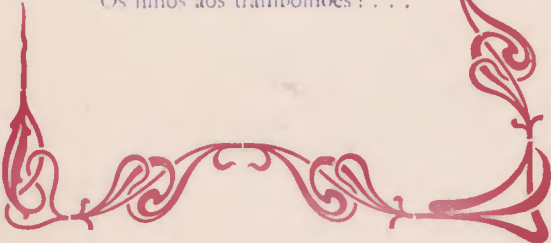


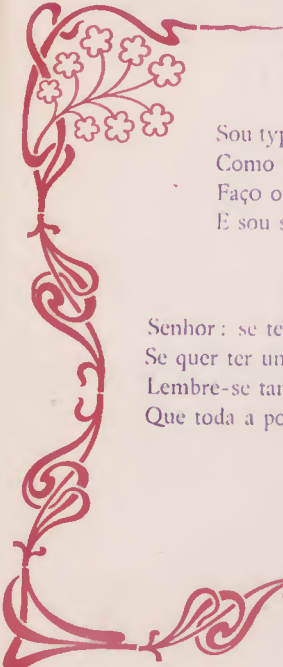


Terei p'ra a ceia umas *rachas*,  
Um<sup>a</sup>s batatas, a *pinga*,  
A mulher não me *seringa*  
E no lume algumas *achas*.

\* \* \*

E depois que *felisões* !  
Eu *azul*, caneca á beira,  
A mulher a rir, *pingueira*,  
Os filhos aos *trambolhões* ! . . .





Sou typographo impressor ;  
Como vê, sou pois artista ;  
Faço o *Barcellos-Revista*  
E sou seu entregador.

\* \* \*

Senhor : se tem caridade,  
Se quer ter um bom Natal,  
Lembre-se tambem do mal  
Que toda a pobreza invade.

